

SOCIEDADE DIGITAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Jefferson Ferreira Saar¹

RESUMO

Este estudo tem como foco principal fazer uma reflexão teórica sobre o conceito de ‘Sociedade Digital’. A construção do texto se deu através do uso da pesquisa documental e da bibliográfica, estas que foram chave para a reflexão teórica sobre o tema proposto: ‘Sociedade Digital’. O objetivo principal desta pesquisa é colocar novamente em pauta a discussão sobre o conceito de ‘Sociedade Digital’ visto que o mesmo ainda suscita acalorados embates no meio acadêmico.

Palavras-chave: sociedade digital; informação; sociedade do conhecimento; comunicação e internet.

‘Sociedade Digital’: uma reflexão teórica

Vivemos na chamada ‘era da informação’, porém diversos conteúdos que nos são apresentados diariamente pouco nos acrescentam. Mesmo assim, os novos meios, principalmente aqueles baseados na transmissão de mensagens digitais, vêm desenvolvendo mais e mais conteúdos. Esse excesso de informação está fazendo com que os seres humanos se sintam inseguros em relação aquilo que sabem, ou seja, quanto mais eu sei mais preciso saber e em menos tempo.

Fisicamente é impossível dominarmos todas as tecnologias que são desenvolvidas e isso tem feito com que nos sintamos sempre desatualizados. A falta de tempo para nos informarmos mais e melhor e, também, a real incapacidade de dominarmos as diversas tecnologias pode ser chamada de ‘depressão tecnológica pós-moderna’.

¹ Doutorando do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Comunicação Social pela UMESP de São Paulo. Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Alvares Penteado-FAAP. Professor assistente com dedicação exclusiva da Universidade Federal do Amapá no curso de Jornalismo.

Richard Saul Wurman, autor do livro ‘Ansiedade de Informação’, nos apresenta esse novo momento de ansiedade que estamos passando, devido ao excesso de informações que recebemos e o avanço tecnológico em velocidade extrema. Um dos exemplos, apresentados pelo autor, compara a língua inglesa da época de Shakespeare com a atual, segundo ele, a língua inglesa tem atualmente mais de 500 mil palavras o que representa aproximadamente cinco vezes mais que na época do famoso poeta inglês (WURMAN, 1991). O autor de ‘Ansiedade de Informação’ também fala sobre o número de textos, periódicos, memorandos, brochuras, relatórios que nos deparamos todos os dias em nosso trabalho e como a falta de tempo para ler tudo tem nos feito seres mais angustiados e infelizes (WURMAN, 1991). A “informação transformou-se na força motriz de nossa vida e a terrível ameaça dessa pilha cada vez maior a exigir compreensão leva a maioria de nós à ansiedade” (WURMAN, 1991, p.36).

As empresas estão migrando boa parte de seus dados e sua comunicação para o mundo virtual, haja vista o aumento do número de sites que disponibilizam discos rígidos para armazenamento de dados na web. Essa grande participação empresarial no mundo online se deu também pela percepção que sociedade pós-moderna está numa busca frenética por informação. Isso faz com que mais empresas criem canais alternativos de comunicação com seus diversos públicos de interesse. Um maior número de internautas interessados na vida diária das empresas cria, por consequência, um aumento do número de blogs corporativos. Porém, a ansiedade que esse excesso de informação tem gerado nos usuários, muitas vezes pode ser prejudicial às empresas que passam a ser obrigadas a abastecer seus blogs rotineiramente de conteúdo de qualidade e, quando não o fazem, são rechaçadas pelo público.

Dois são os pontos principais que vêm gerando a chamada ‘ansiedade de informação’: o primeiro ponto versa sobre o fato de que a informação é sempre controlada por outra pessoa que não nós mesmos, por exemplo, um editor de jornal impresso, em geral, faz ajustes nas matérias de seus jornalistas, nesse caso temos dois filtros de controle o editor e o jornalista; já o segundo ponto, diz respeito ao número de assuntos que deveríamos saber para atender as expectativas das pessoas que nos cercam, por exemplo, você chega numa roda de amigos e é o único que não sabe o nome da tal personalidade que eles estão falando (WURMAN, 1991).

A perfeita definição do conceito de ‘Ansiedade de Informação’ pode ser vista em Richard Saul Wurman (1991, p.38):

Ansiedade de Informação é o resultado da distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre dados e conhecimento, e ocorre quando a informação não nos diz o que queremos ou precisamos saber.

Aceitando a ideia que a sociedade está numa busca frenética por informação e que isso tem deixado às pessoas mais ansiosas. Faz-se necessário expormos os conceitos de ‘Tecnófilos’ e ‘Tecnófobos’, estes que, foram cunhados em matéria escrita por Nelson Ascher, publicada na Folha de São Paulo em 19 de abril de 2004.

Os ‘tecnófobos’ são pessoas que evitam ao máximo qualquer contato com a tecnologia, nas palavras de Nelson Ascher (2004 p.E8) “ele ou ela não simpatiza com a televisão, desdenha em especial da MTV e prefere assistir a seus filmes, sempre de arte e geralmente europeus ou iranianos no cinema”. Esse homem anti-tecnológico também não gosta de usar computador e evita ao máximo estar presente no mundo digital, em geral, são as pessoas de mais idade, visto que os mais jovens já estão inseridos no mundo digital desde o seu nascimento.

Já os ‘tecnófilos’ são os apostos aos acima citados, eles adoram as novas tecnologias, têm vários tipos de computador em suas casas, em geral, tentam adquirir todos os lançamentos em diversas plataformas diferentes, mandam mensagens via celular, usam *bluetooth*, baixam filmes e seriados da internet, se comunicam via MSN, estão presentes em diversas redes sociais, ou seja, estão literalmente “plugados” no mundo e nas tecnologias digitais (ASCHER, 2004).

Percebe-se claramente, que as diversas empresas que estão entrando no mundo digital terão mais facilidade para se comunicar com os já inseridos nas novas tecnologias (tecnófilos). Porém, as técnicas persuasivas de comunicação e marketing, entenda-se também a publicidade, são postas em prática a todo instante visando falar também com os chamados ‘tecnófobos’. Com o passar dos anos, mais pessoas serão inseridas no mundo digital e, por conseguinte, aceitarão melhor as benéficas das novas tecnologias. Mas, nesse momento, ainda se faz necessário um grande trabalho de convencimento visando fazer com que as pessoas aceitem e entendam as contribuições dos novos meios digitais.

Atualmente, você pode acessar a rede mundial de computadores de qualquer lugar do planeta, ou pelo menos de quase todos. Os sistemas de transmissão por cabo, wireless, telefônicos são apenas alguns dos já existentes, e outros estão sendo desenvolvidos. Nossos celulares, computadores, *tablets*, *i-fones*, *i-books* também nos possibilitam o acesso à internet, portanto, aqueles que investirem na comunicação via web estarão fazendo a melhor escolha.

O investimento governamental em informação e em novas tecnologias também é muito grande, “nos Estados Unidos, mais de 50 por cento de todo o capital vai para a tecnologia da informação. O gasto norte-americano em TI aumentou de três por cento do produto interno bruto, em 1990, para cinco por cento em 1995 (DAVENPORT, 1999, p.15)”. Se governos e empresas já demonstram uma clara tendência a focarem seus esforços e investimentos no desenvolvimento de novas tecnologias voltadas para a informação, pode-se crer que aqueles que optem pelo isolamento digital ficarão a margem da chamada ‘sociedade da informação’. Serão pessoas que viverão em grandes cidades, porém, como se fossem sobreviventes de um naufrágio, vivendo em uma ilha sem nenhuma informação.

Os termos ‘informação’, ‘dados’ e ‘conhecimento’ foram lembrados em citações acima. Vale, nesse momento, ainda que de forma introdutória, uma explicação de tais conceitos. Dados são conteúdos que padecem de uma análise mais detalhada para que sejam organizados em informação e, posteriormente, possam ser interpretados por alguém que busque conhecimento. Davenport (1998, p.19) define o termo ‘dados’ “como observações sobre o estado de mundo”. Por exemplo: existem 697 unidades no armazém”. Essas unidades no armazém, a que Davenport se refere, nada mais são do que dados e se continuarem estocadas lá, nunca irão gerar informação e, por conseguinte, conhecimento.

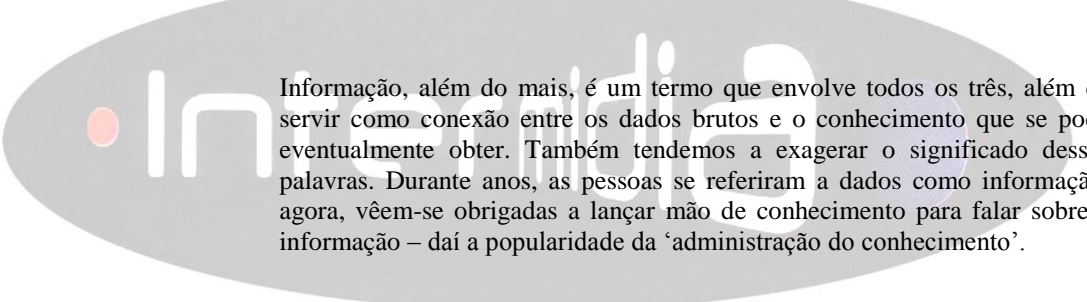
Segundo o pai da administração moderna, Peter Drucker, a ‘informação’ pode ser entendida como todos os dados que tenham alguma relevância e algum propósito para quem a percebe (DRUCKER, 1998). Portanto, para que possamos identificar a importância de uma informação temos que avaliar se seus dados são dotados de alguma relevância. Drucker não foi o único a tentar sistematizar a ideia de informação. ‘

Sandra Braman (1989) advertiu certa vez que tentar conceituar informação requer uma abordagem mais pluralista. Já Davenport (1998) nos alerta sobre a dificuldade de

transformar dados em informações relevantes, pois segundo o autor, a informação exige análise detalhada, porém, sabe-se que as pessoas interpretam dados de maneiras diferentes, isso pode gerar conteúdos falsos ou com verdades parciais.

Para que tal explicação fique mais clara, imagine um estagiário de direito que trabalha em um grande escritório de advocacia. Pense que ele deve ir ao arquivo morto desse escritório e catalogar todos os processos que estão com datas a expirar e precisam ser revistos pelos advogados. Caso ele despreze algum dado relativo à data de expiração dos processos e deixe de catalogá-los, provavelmente a sua análise equivocada trará problemas a sua empresa, ou seja, dados dependem de análise pessoal para que se tornem informação de qualidade, e isso é um risco como nos alerta Davenport.

Muitos dos autores que vêm abordando os conceitos de dados, de informação e de conhecimento ainda não chegaram a definições plenas, fechadas, definitivas. Davenport fala de sua resistência pessoal em definir os termos dados, informação e conhecimento, visto que são termos imprecisos. Segundo Davenport (1998, p.18):



Informação, além do mais, é um termo que envolve todos os três, além de servir como conexão entre os dados brutos e o conhecimento que se pode eventualmente obter. Também tendemos a exagerar o significado dessas palavras. Durante anos, as pessoas se referiram a dados como informação; agora, vêm-se obrigadas a lançar mão de conhecimento para falar sobre a informação – daí a popularidade da ‘administração do conhecimento’.

Mais importante que a plena compreensão do conceito de informação é saber como utilizá-la, em resumo, saber como selecionar o melhor conteúdo para nossas vidas. Como somos bombardeados, dia após dia, com excessivos dados irrelevantes cabe sermos mais atentos e eficientes na seleção de nossos conteúdos, nos livrando assim, das amarras do conhecimento pueril e, muitas vezes, não científico. Segundo Zorinho (1995, p.146):

[...] Decidir o que fazer com base em informação e decidir o que fazer sobre informação. É ter a capacidade de seleccionar dum repositório de informação disponível àquela que é relevante para uma determinada decisão e, também, construir a estrutura e o design desse repositório.

Nesse momento, é pertinente adentrarmos a noção de ‘conhecimento’, ainda que esse estudo se dedique ao contexto prático dos blogs corporativos aquele que se

aventure a escrever sobre sociedade digital deve apresentar tais conceitos que são chave na compreensão do contexto geral.

Vale, porém, voltarmos a uma última definição de ‘informação’ para avançarmos com o conceito de ‘conhecimento’. Segundo Armand Mattelart (2002, p.70), em seu livro ‘História da Sociedade da Informação’, a “informação inscrita na mais pura tradição do estoque numérico: ‘quantidades de dados (data) que foram organizados e comunicados’”. Temos então a informação como dados já organizados e que foram comunicados a alguém, essa pessoa terá agora que dar sentido a essa informação, terá que usar sua percepção de mundo, deverá contextualizar esses dados para que se tornem conhecimento válido e perene. De acordo com Thomas H. Davenport (1998, p.19) conhecimento é:

[...] A informação mais valiosa e, conseqüentemente, mais difícil de gerenciar. É valiosa precisamente porque alguém deu à informação um contexto, um significado, uma interpretação; alguém refletiu sobre o conhecimento, acrescentou a ele sua própria sabedoria, considerou suas implicações mais amplas.

Fica claro na citação de Davenport que existe a necessidade de contextualização pessoal por parte do receptor para que haja construção de conhecimento. Como já falamos anteriormente, é preciso que o receptor da informação a contextualize com base em suas experiências e visão de mundo, para assim, chegar ao conhecimento. No artigo ‘Sociedade do Conhecimento’, publicado no livro ‘Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação’, o professor-pesquisador e pós-doutor em comunicação, Sebastião Squirra, discorre sobre o termo ‘conhecimento’ e nós alerta sobre a dificuldade de uma plena definição sobre tal conceito. O autor aponta também para o surgimento de uma ‘Sociedade do Conhecimento’. Segundo Squirra (2005, p.255):

O termo conhecimento é polissêmico e escorregadio, atraindo a atenção de diversos campos do saber. Por proximidade, vem despertando também muito interesse na confraria intelectual que estuda os fenômenos das comunicações. Independente da definição que se adote para conhecimento, entretanto, há um denominador comum que aponta para uma Sociedade do Conhecimento que representa a combinação das configurações e aplicações da informação com as tecnologias da comunicação em todas as suas possibilidades.

Após a explanação dos conceitos de dados, de informação e de conhecimento falemos agora da ideia de ‘Sociedade da Informação’ e ‘Sociedade do Conhecimento’.

Vale destacar que os diversos autores que pesquisam tais temas têm posicionamentos diversos. Existem os que acreditam na sociedade do conhecimento e/ou informação e há os críticos, que divergem, como se essas sociedades não existissem. Como pretendemos ter uma visão pluralista do assunto em questão iremos mostrar as duas correntes de pensamento.

Sebastião Squirra (2005, p.260) cita Mattelart para explicar o termo ‘Sociedade da Informação’, “[...] outros autores apresentam a delimitação e conceito de Sociedade da Informação. Dentre eles, destaca-se Armand Mattelart que acrescenta que ‘a noção de sociedade global da informação é resultado de uma construção geopolítica’”. Segundo Sebastião Squirra (2005, p.261) apud Straubhaar ‘Sociedade da Informação’ é:

Após indagar o que é a sociedade da informação, Straubhaar apresenta uma resposta indicando que é ‘aquela na qual produção, processamento e distribuição de informação são atividades econômicas e sociais primárias’. Adianta que nela se deve investir cada vez mais tempo com o uso das tecnologias da informação (como telefones e computadores), onde contingentes crescentes de trabalhadores estejam sendo empregados na área, e pessoas que processam, produzem e distribuem informação, tendo isto como sua atividade principal.

Já se percebe, nos dias atuais, uma ‘Sociedade da Informação’ se não plenamente constituída em fase avançada de construção. Percebe-se que mais profissionais estão migrando para áreas da informação, vemos isso acontecer nos ramos de telefonia, de informática, da robótica dentre outros que, a cada momento, absorvem mais e mais profissionais.

Não podemos nos esquecer de que no século XVIII começara, na Inglaterra, uma grande revolução tecnológica que ficou conhecida como a ‘Era da Revolução Industrial’. Utilizamos essa pequena analogia para ratificar a ideia de transição que estamos vivendo, estamos passando de uma sociedade produtora de bens de consumo para uma sociedade de serviços, onde a base desses serviços é a gestão da informação. “De acordo com as autoridades e as equipes de vendas das empresas de informática, estamos em meio a uma nova Era da Informação, que irá revolucionar a maneira como se trabalha, compete e até mesmo como se pensa, no mercado (DAVENPORT, 1998, p.12)”.

Como já dissemos anteriormente, toda informação por si só não gera conhecimento. A ideia que defendemos nesse estudo é que o ‘conhecimento’ só

acontece quando uma pessoa interpreta, racionaliza, pensa sobre a informação que lhe é apresentada. Partindo desse pressuposto, vem em boa hora a definição do professor Sebastião Squirra que constrói a ‘Sociedade do Conhecimento’ como sendo a junção de informação com tecnologia da comunicação:

Qualquer que seja a definição e enquadramento, um denominador comum aponta que a Sociedade do Conhecimento representaria a combinação das configurações e aplicações da informação com as tecnologias da comunicação em todas as suas possibilidades. É importante destacar que seu escopo de abrangência vai além do mundo da internet e está redefinindo a economia global, trazendo consigo a transformação do mundo ‘inteligente’ em todas as suas dimensões (SQUIRRA, 2005, p.258).

Manuel Castells cria um conceito similar aos já expostos nesse artigo, porém de grande valia a esse estudo. O autor introduz a ideia de uma ‘Sociedade Informacional’. Segundo Manuel Castells (1999, p.65) essa sociedade mostra:

[...] A forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação transformam-se nas fontes fundamentais da produtividade e do poder, devido às novas condições tecnológicas que emergiram no período histórico considerado.

Alguns autores defendem a ideia de que a ‘Sociedade do Conhecimento’ não é advinda dos tempos modernos, segundo essa linha de pensamento, ela já existia há muitos anos. Segundo Robert Kurz, em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, em 13 de janeiro de 2002:

Mais espantoso deve parecer que há alguns anos esteja se disseminando o discurso da ‘sociedade do conhecimento’ que chega com o século 21; como se só agora tivessem descoberto o verdadeiro conhecimento e como se a sociedade até hoje não tivesse sido uma ‘sociedade do conhecimento’.

Mesmo que a ‘sociedade do conhecimento’ tenha nascido anos atrás o que temos que constatar é que sua maior exposição se deu com o advento da internet. Esse novo meio de comunicação vem possibilitando a integração de pessoas fisicamente e culturalmente distantes. Em artigo publicado pelo jornal O Estado de São Paulo, em 09 de abril de 2006, a jornalista do jornal *Los Angeles Times*, Meghan Daum, escreve que:

Declaro por meio deste instrumento que a Era da Informação é um fiasco absoluto. Podemos dizer que, graças à internet, aos noticiários 24horas e a todo tipo de newsletters por e-mail, não há fiapo de informação que nos escape. Mas eu sou a prova viva de que isso não é verdade.

Dando seriedade e pertinência a divertida citação da jornalista, percebemos que a mesma tem certa razão. Meghan Daum escreveu tal frase, pois ao sair de sua casa numa certa manhã domingo para comprar o jornal, deu de cara com seu vizinho que perguntou se ela estava indo para a grande passeata que teria no centro da cidade, Meghan nem sabia do que se tratava, e perguntou ao seu vizinho qual era a passeata, este, porém, a olhou com cara de espanto e desaprovação. Moral da história: mesmo nos dias de hoje, alguns grandes eventos podem passar despercebidos. Esse fato não invalida a ideia de estarmos vivendo a ‘Era da Informação’, mas nos alerta da impossibilidade de termos plena informação de tudo que acontece pelo mundo ou, até mesmo, em nosso bairro.

Outro ponto importante a ser destacado versa sobre o fato de que na ‘sociedade informacional’, conceito este cunhado por de Manuel Castells (1999), nem tudo o que vemos e/ou aprendemos é realmente verdadeiro, dotado de valor científico. Muitas vezes, o que nos é passado através da internet são mentiras, falsidades ou conteúdos que pouco nos acrescentam. O administrador de empresas Stephen Kanitz corrobora com essa ideia em matéria escrita na Revista Veja em 03 de outubro de 2007. Para Kanitz (2007, p.20):

Hoje, o Google indexa tudo o que encontra pela frente na internet, mesmo que se trate de uma grande bobagem ou de uma grande mentira. Qualquer ‘opinião’ é divulgada aos quatro cantos do mundo. O Google não coloca nos primeiros lugares os sites da Universidade de Oxford, Cambridge, Harvard ou da USP, supostamente instituições preocupadas com a verdade.

Kanitz vai mais longe, quando discorda da ideia de estarmos em meio a uma ‘Era da Informação’. Para o autor, o que estamos vivenciando é “a era da desinformação”, pois o excesso de conteúdo ruim, disponibilizado pela internet, é tão grande ou maior que o saber científico que esse mesmo meio nos apresenta. Por fim, Stephen Kanitz (2007) nos alerta para que tenhamos uma “vigilância epistêmica”, ou seja, que façamos uma melhor seleção de tudo “o que lemos, ouvimos e aprendemos de outros seres humanos, para não sermos enganados. Significa não acreditar em tudo o que é escrito e dito por aí, inclusive em salas de aula (KANITZ, 2007, p.20)”.

No encerramento desse tópico, vale trabalharmos mais dois conceitos que tratam da ‘Sociedade do Conhecimento’, porém com um viés mais humanístico e menos tecnológico como os já apresentados. Segundo a matéria ‘Os donos do conhecimento no mundo’, publicada pela revista *Ciência Hoje*, de janeiro/fevereiro de 2004, o conhecimento visa criar novas tecnologias que terão como principal propósito gerar o bem estar social, ou seja, deve beneficiar as pessoas de uma forma igualitária. Porém, as facilidades geradas pelo conhecimento tecnológico, não irão substituir certos trabalhos manuais, apenas os facilitarão.

A matéria da revista *Ciência Hoje*, que é escrita a três mãos, nos apresenta a ideia de ‘economia do conhecimento’. Segundo Contini; Reifschneider; Savidan (2004, p.16) “é a nova economia do conhecimento definida como a mobilização das competências empresariais, acadêmicas e tecnológicas com o objetivo de melhorar o nível das populações”. Percebe-se claramente uma nova ideia de sociedade tecnológica, onde todos os esforços estão voltados para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, seja no âmbito acadêmico, social, técnico ou empresarial.

Segundo o relatório mundial da UNESCO – ‘Rumo às Sociedades do Conhecimento’–, publicado na cidade de Túnis, capital da Tunísia, no ano de 2005, na chamada ‘sociedade do aprendizado’ o conhecimento deve ser público e acessível a todos os indivíduos (MATSUURA, 2002). Tanto na matéria da revista *Ciência Hoje* como no Relatório Mundial da UNESCO o que fica claro é que ambos estão voltados para a construção de um saber partilhado. Onde os véus que obstruem o conhecimento possam ser desvelados e, este, possa ser algo ao alcance de todos os seres humanos e, não mais, um sonho coletivo.

Considerações finais

‘Ansiedade de Informação’, nome do livro de Richard Wurman (1991), é sem dúvida um dos pontos-chave abordado por este estudo. Parece claro que estamos recebendo muito mais informação do que podemos processar e isso se deve a evolução tecnológica e, também, as novas prioridades que estamos estabelecendo em nossas vidas. A ansiedade gerada pela falta de tempo para processar toda informação recebida pelos meios é, sem dúvida, um dos males da nova ‘Sociedade Digital’.

Os diversos processos empresariais também migram a uma velocidade gigantesca para o mundo virtual. O que antes fazíamos fisicamente agora pode ser realizado via internet, porém, nem todas as pessoas estão prontas para essa mudança. Os mais velhos, muitas vezes, se recusam a aceitar essa nova realidade e acabam sofrendo as consequências de uma sociedade a cada dia mais vorás e menos humana. Nelson Ascher (2004) fala justamente disso quando nos apresenta os conceitos de ‘Tecnófilos’ e ‘Tecnófobos’, ou seja, aqueles que aceitam as mudanças tecnológicas e aqueles que às recusam.

A chamada ‘Sociedade da Informação’ parece real, não mais um conceito vago e distante. Diversos tipos de negócio estão investindo em informação de qualidade. Abre-se então, uma nova área profissional nas empresas onde a figura do gestor de informação é peça chave. Este profissional deve monitorar todo o processo informacional de uma empresa apontando falhas e sugerindo melhorias.

É certo que o acesso à informação tem sido mais fácil e democrático na era da ‘Sociedade Digital’. Porém, não se pode afirmar que o excesso de informação está transformando nossa sociedade na chamada ‘Sociedade do Conhecimento’. Estudos ainda devem ser feitos para constatar se as pessoas de hoje estão adquirindo mais conhecimento que pessoas de antigamente visto que não necessariamente o acesso informação será transformado em conhecimento de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHER, Nelson. Tecnófilos e tecnófobos. Folha de São Paulo, São Paulo, p.E8, 19 abr. 2004.

BRAMAN, Sandra. Defining information – No approach for policymakers. Telecommunications policy. Stoneham, Butterworth & Co, 1998.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura - o poder da identidade. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel (org), CARDOSO, Gustavo (org). A sociedade em rede: do conhecimento a ação política. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

CONTINI, Elísio; REIFSCHNEIDER, Francisco J. B.; SAVIDAN, Yves. Os donos do conhecimento no mundo. Revista Ciência Hoje, Rio de Janeiro, v.34, n.201, p.16-21, 2004.

DAVENPORT, Thomas H. Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Tradução Bernadette Siqueira Abrão. São Paulo: Futura, 1998.

DAUM, Meghan. A Era da Informação é um fiasco. O Estado de São Paulo, São Paulo, p.A27, 09 abr. 2006.

DRUCKER, Peter F. The coming of the new organization. Harvard Business Review 66, p. 45-53, jan/fev. 1988.

KANITZ, Stephen. Cuidado com o que ouvem. Revista Veja, São Paulo, p.20, 03 out. 2007.

MATSUURA, Koichiro. Rumo às sociedades do conhecimento. Folha de São Paulo, São Paulo, p.A3, 13 nov. 2005.

MATTELART, A. História da sociedade da informação. São Paulo: Loyola, 2002.

KURZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento. Folha de São Paulo, São Paulo, p.14, 13 jan. 2002.

SQUIRRA, S. Sociedade do Conhecimento. In MARQUES DE MELO, J. M.; SATHLER, L. Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo, SP: UMEESP, 2005.

WURMAN, Richard Saul. Ansiedade de informação. São Paulo: Editora Cultura, 1991.

ZORRINHO, C. Gestão da Informação: condição para vencer. Lisboa: Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (IAPMEI), 1995.